

DOMINGO — 2 DE JANEIRO DE 1983

ESP

Vale do Tapajós: 70 mil garimpeiros na corrida do ouro

Do correspondente em
BELEM

Quase 70 mil garimpeiros participam da "corrida" ao ouro em dezenas de garimpos espalhados entre os rios Araguaia e Tapajós, no Sul do Pará. Os preços compensadores que o governo está pagando, a busca de ouro como lastro capaz de compensar o esgotamento das reservas em moeda estrangeira e o sucesso de Serra Pelada, indicam que o número de garimpeiros e a proliferação de garimpos se constituirão fenômeno ainda mais intenso na Amazônia, particularmente no Pará, este ano.

A principal zona de produção aurífera continua sendo o vale do Tapajós, com mais de 100 garimpos. De acesso difícil e sem uma concentração de minério, o Tapajós deve produzir neste ano 12 toneladas de ouro, três vezes a produção de Morro Velho, a principal mina brasileira. Mas quatro toneladas continuarão sendo desviadas pelo mercado paralelo. Até dois anos atrás, o comércio ilegal ficava com metade da produção dos garimpos do Tapajós, mas os novos preços oficiais e um esquema de comercialização um pouco mais agressivo diminuíram essa porcentagem.

Os técnicos do setor acreditam que, se o governo construisse uma estrada de acesso à principal área de garimpagem e implantasse uma infra-estrutura mínima de apoio aos garimpeiros, o contrabando seria reduzido ao mínimo. Apesar de estar produzindo continuamente há 25 anos, o Tapajós ainda tem muito ouro, segundo os geólogos. E no ano passado os garimpeiros finalmente encontraram ouro no próprio leito do rio, o que reduzirá os custos de extração e facilitará o escoamento para Santarém, de onde é transportado para o Sul do País. Atualmente, existem 70 balsas funcionando no Tapajós e a produção ainda é pequena — 30 gramas por dia —, mas todos acham que vai aumentar bastante.

SERRA PELADA, O INÍCIO

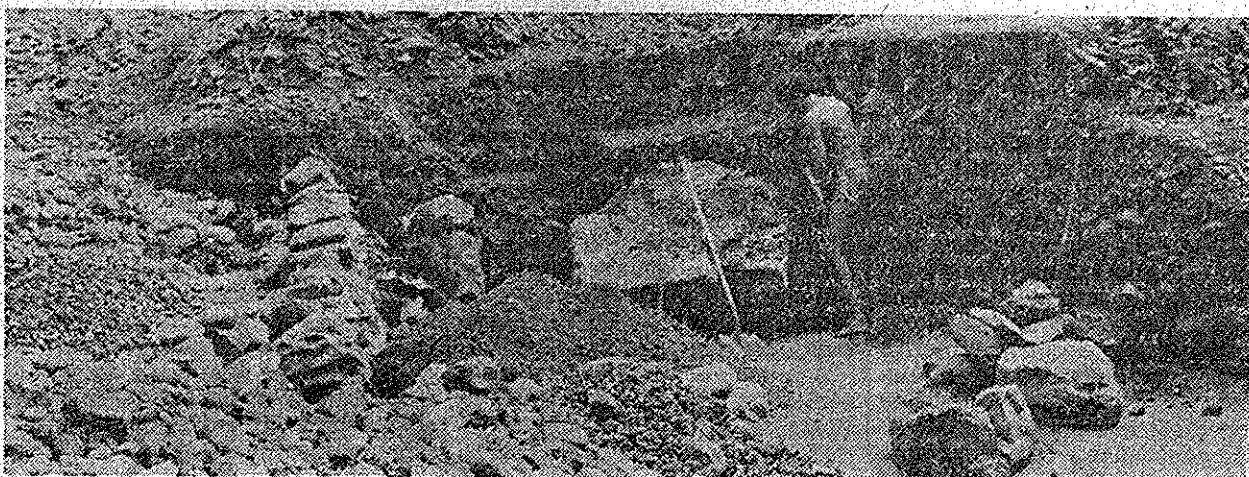
Os garimpos multiplicaram no Sul do Pará, a partir da descoberta de Serra

Pelada, em 1980. Serra Pelada ainda é o maior garimpo de ouro do Brasil, tendo atingido a produção de 16 toneladas em dois anos e meio de funcionamento (média de 500 quilos por mês), mas a extração manual parece estar com seus dias contados. Dos 35 mil garimpeiros que atuavam no "pique", alguns meses atrás, restam menos de sete mil. Com a persistência das chuvas pesadas, esse número irá diminuir mais ainda. Nesse momento, o governo deverá decidir se tenta sustentar a garimpagem ou se introduz a lavra mecanizada, recomendada pelos técnicos.

Muitos garimpeiros de Serra Pelada já se deslocaram para outros garimpos abertos na região: atualmente, existem pelo menos 11, dois — o Cumaru e o de Curionópolis — com mais gente do que Serra Pelada, embora com produção ainda inferior. A quase totalidade desses garimpos localiza-se dentro de áreas de pesquisa da Docegeo, subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce. Até mesmo a área do Babaçu, onde a empresa vinha realizando experiências com uma usina-piloto, foi invadida por cinco mil garimpeiros, que estão

Os técnicos garantem que em alguns desses locais há um grupo de fazendeiros atuando por trás dos garimpeiros. São garimpos onde funcionam britadores, pás mecânicas e tratores. No Babaçu, por exemplo, estariam em operação 30 britadores. A "febre" leva garimpeiros a entrar em fazendas, mesmo contra os proprietários. Um deles chegou a impedir que geólogos da Docegeo fizessem coletas em suas terras. Prevê-se, este ano, muitos choques em consequência dessa disseminação de garimpos em áreas ocupadas por fazendas. Mas o governo parece cada vez mais interessado em estimular a produção de ouro, até mesmo através de garimpos, para tentar recomper com metal as reservas de dinheiro consumidas na amortização da dívida externa.

Por enquanto, porém, a Amazônia está distante de poder dar uma importante contribuição nesse sentido: a produção de dois anos e meio de Serra Pelada representa 230 milhões de dólares, equivalente a 0,25% da dívida externa brasileira.



A produção ainda é pequena, mas os novos garimpos do vale do Tapajós já se tornam rentáveis

Arquiteto